

O grande livro dos gatos



ALFAGUARA

O gato

Théodore de Banville

Todo animal é superior ao homem pelo que tem de divino, isto é, pelo instinto. Ora, de todos os animais, o gato é o que tem o instinto mais perseverante, o mais perpétuo. Selvagem ou doméstico, permanece o mesmo, obstinadamente, com serenidade absoluta, sem perder por nada sua beleza e sua graça suprema. Por mais modesta ou por mais vil sua condição, ele não se degrada, porque não cede, mantendo sempre a única liberdade que pode ser concedida às criaturas, ou seja, a vontade e a resolução irrevogável de ser livre. E é livre de verdade, porque se entrega apenas quando quer, oferecendo ou recusando por espontânea vontade sua afeição e seus carinhos, e por esse motivo permanece belo, isto é, semelhante a seu modelo eterno. Tomemos o exemplo de dois gatos: um que vive no lar de uma nobre ou de um poeta, em tapetes macios, sofás de seda e almofadas ornamentadas com brasões; outro que se deita sobre o azulejo vermelho da casa de uma solteirona pobre, ou que fica encolhido como uma bola no imóvel de uma zeladora. Pois bem, ambos terão o mesmo nível de nobreza, de respeito próprio, de elegância à qual o gato não pode renunciar sem morrer.

Ao ler o trecho tão terrivelmente injusto que Buffon dedicou ao gato, é possível reconstruir, em caso de perda de memória, todo o reinado de Luís XIV, no qual o homem julgou ter se tornado o Sol e o centro do mundo, imaginando que milhares de astros e estrelas foram lançados no éter apenas para seu uso próprio. Assim, o sábio em mangas de camisa, censurando o gracioso animal por roubar o que precisa para alimentar-se, parece pressupor nos gatos uma noção exata de propriedade e um conhecimento profundo dos códigos, os

quais por sorte não foram concedidos aos animais. “Eles só fingem apego”, acrescenta ele. “Podemos vê-los com seus movimentos tortuosos, seus olhos enigmáticos: eles nunca encaram o rosto da pessoa amada. Por desconfiança ou falsidade, fazem desvios para aproximar-se, para buscar carinhos a que são sensíveis somente pelo prazer que dão.” Ó, grande sábio, como és injusto! Acaso buscamos carinhos pelo prazer que não dão? Dizes que os olhos dos gatos são enigmáticos! Comparados a quê? Não seria por nossa falta de inteligência e de intuição que não destrinchamos à primeira vista o sutil e profundo pensamento deles? Quanto aos desvios, ora!, mas o espirituoso Alphonse Karr adotou este encantador lema: “Não temo senão aqueles que amo” e, como se vê, o gato, cheio de prudência, adotou o lema antes desse escritor.

Sem dúvida o gato permite ser tocado, acarinhado, ter os pelos puxados, a cabeça empurrada para baixo pelas crianças, instintivas como ele, porém sempre desconfia do homem, o que prova seu profundo bom senso. Por acaso não tem diante dos olhos o exemplo do cão, posto em tão alta conta por Buffon, e não vê o que o homem faz desses animais, que aceitam o papel de servilismo e se entregam sem restrições, de maneira definitiva? O homem faz do cão um escravo acorrentado, obriga-o a arrastar carriolas e carruagens, envia-o ao açougue para buscar a carne que não deve tocar. Chega a reduzi-lo à irrisória condição de carregar jornais pelo bairro. Transformou o cão Munito em um jogador de dominó e, por um triz, não o reduziu ao exercício da profissão literária, a copista, o que para um animal que nasceu livre neste mundo me pareceria o último grau do rebaixamento. O homem obriga o cão a caçar para ele, mediante retribuição ou até mesmo sem retribuição. Já o gato prefere caçar por conta própria e por consequência é chamado de ladrão, sob o pretexto de que os coelhos e as aves pertencem ao homem, o que seria necessário provar. Queremos lhe imputar como crime o que fez a glória de Nimrod e Hipólito, e assim seguimos sempre com dois pesos, duas medidas.

Mesmo admitindo que o universo tenha sido criado para o homem, e não para o gato e os outros animais, o que me parece altamente questionável, ainda deveríamos ao gato grande reconhecimento, porque tudo o que o homem

civilizado tem de glória, de orgulho e de charme profundo me parece ter sido servilmente copiado do gato. O personagem mais elegante que inventamos, o Arlequim, não passa de um gato. Se pegou do carlim o rosto espúrio, a cabeça negra, as sobrancelhas, a boca proeminente, tudo o que traz de despachado, alegre, charmoso, sedutor, airoso vem do gato, e desse carinhoso e ágil animal tomou os gestos cativantes e as poses lânguidas. Mas o gato não é apenas Arlequim: é Querubim, é Leandro, é Valério, é todos os amantes e todos os enamorados da comédia, a quem ensinou os olhares dissimulados e as ondulações sinuosas. Mas não basta exibi-lo como o modelo do amor no teatro. Por acaso o homem faria ideia do amor de verdade, o da vida real, sem o gato? Não é o gato que sobe no telhado para miar, gemer, chorar de amor? Não é o gato o primeiro e o mais incontestável dos Romeus, sem o qual Shakespeare provavelmente não teria encontrado o seu?

O gato ama o repouso, a volúpia, a alegria tranquila, demonstrando assim o disparate e o vazio da agitação estéril. Não exerce nenhuma função e só sai do repouso para dedicar-se à bela arte da caça, mostrando assim a nobreza da ociosidade refinada e reflexiva, sem a qual todos os homens seriam cortadores de pedras. É ardoroso, divino, encantadoramente limpo e esconde com cuidado seus excrementos: já não é uma imensa vantagem em relação a muitos artistas, que confundem sinceridade com mediocridade? Acima de tudo, deseja que a pele esteja imaculada, lustrosa, limpa de toda a sujeira. Seja sua pele cinza, ou branca como a neve, ou ruiva listrada de marrom, ou azul — pois, ó, felicidade, existem gatos azuis! — o gato vai esfregá-la, penteá-la, limpá-la e poli-la com a língua rugosa e rosada até torná-la atraente e delicada, passando ao mesmo tempo a ideia de limpeza e asseio. E o que mais a civilização encontrou? Sem esse duplo e precioso atrativo, qual seria a vantagem da Madame de Maufrigneuse em relação a uma vendedora de batatas, ou, em outras palavras, qual não seria sua desvantagem em relação à robusta moça pouco asseada? Nesse tema, o mais ínfimo gato supera de longe as belas, as rainhas, as Médicis da corte de Valois e de todo o século XVI, que se limitavam a perfumar-se, não se importando com o resto.

Por isso, serviu como incontestável modelo para a mulher moderna. Como um gato ou como uma gata, a mulher é, ela existe, descansa, entrelaça-se serena ao esplendor dos tecidos e brinca com sua presa como o gato faz com o rato, muito mais dedicada a despedaçar do que a comer sua vítima. Tal como os gatos que, no fim das contas, preferem muito mais o leite aos ratos e que brincam com a presa conquistada por puro dandismo, exatamente como uma coquete, deixando a presa fugir, escapar, ter esperança de sobreviver para depois pousar sobre ela uma garra implacável. Trata-se ainda mais de uma simples volúpia à medida que seus dentes curtos só servem para dilacerar, não para comer a vítima. Mas tudo nos gatos foi combinado para a cilada, a surpresa, o ataque noturno: os olhos admiráveis, que se contraem e se dilatam de maneira prodigiosa, veem com mais clareza à noite que de dia, e a pupila, que de dia é como uma linha estreita, à noite torna-se redonda e dilatada, salpicada de areia dourada e repleta de faíscas. Rubi ou esmeralda brilhante, ela não é apenas luminosa, é a luz. Sabemos que o grande Camões, sem ter como comprar uma vela, tomou emprestada a claridade das pupilas de seu gato para escrever um canto de *Os lusíadas*. Eis aí, sem dúvida, uma maneira verdadeira e positiva de incentivar a literatura, e creio que nenhum ministro da Educação já tenha feito o mesmo. Sem sombra de dúvida, ao mesmo tempo que o iluminava, o bom gato lhe trazia sua macia e delicada pele para ser tocada e buscava carinhos pelo simples prazer que lhe dão, comportamento que, como vimos, ofendia Buffon, mas não causaria espanto em um poeta lírico, também voluptuoso demais para acreditar que os carinhos devem ser buscados com um propósito austero e desprovido de toda satisfação pessoal.

Talvez haja pontos em que o gato não seja superior aos homens. De qualquer maneira, não é pelo encantador, fino, sutil e sensitivo bigode, que ornamenta tão bem seu belo rosto e que, dotado de um tato extraordinário, serve de proteção, orientação, sinalização dos obstáculos, impedindo-o de cair em armadilhas. Comparem essa joia rara, esse instrumento de segurança, esse apêndice que parece feito de raios de luz, com nosso bigode, rude, inflexível, grosseiro, que esmaga e arruína o beijo, criando entre nós e a mulher amada

uma barreira material. Ao contrário do delicado bigode do gato, que nunca obstrui nem esconde seu focinho rosado, o bigode do homem, ainda mais de um chefe, um líder, quanto mais belo e guerreiro, mais dificulta a vida. Assim, um dos mais belos bigodes modernos, o do rei Victor Emmanuel, que dividia tão bem aquele rosto como uma cicatriz heroica, não lhe permitia fazer refeições em público. Além disso, quando fazia refeição sozinho, de portas bem fechadas, o rei precisava levantá-lo com um lenço, cujas pontas prendia na nuca. Como não devia então invejar o bigode do gato, que se ergue por conta própria e sozinho, sem de modo algum incomodar o dono nos mais pomposos e solenes banquetes!

O Scapino do comediante Riccoboni, gravado a água-forte no Teatro Italiano, tem bigode de gato, e por justiça, porque o Gato de Botas é, muito mais que Dave, o pai de todos os Scapinos e de todos os Mascarillas. Na época em que se passa essa bela história, o Gato de Botas quis provar de uma vez por todas que podia ser intrigante e só não o era por um nobre desprezo à arte dos Mazarin e dos Talleyrand. Mas suas aptidões não deviam nada à diplomacia e, na vez em que desejou meter a colher, ele casou, como sabemos, seu dono, ou melhor, seu amigo, com a filha de um rei. Além disso, executou toda essa missão sem nada além de uma pequena sacola e um par de botas, e não conhecemos muitos ministros franceses no exterior que, e para chegar com frequência a resultados mais modestos, se contentariam com uma bagagem tão simples. Com a certeza com que o Gato de Botas elaborou, urdiu e executou seu plano sem deixar uma única lacuna, poderia ser um autor dramático de primeira ordem, e sem dúvida o seria se não tivesse preferido sua nobre e estimada preguiça a qualquer outra coisa. No entanto, ele adora o teatro e diverte-se a valer nos bastidores, onde reencontra alguns de seus instintos entre as atrizes, essencialmente gatas de sua natureza. Em particular na Comédie-Française — onde desde Molière se empilha, acumulado ao longo de todas as épocas, um mobiliário de valor inestimável —, desde as primeiras coleções há dinastias de gatos protegendo os móveis, os tecidos antigos (sarjas, damascos, lampas), as tapeçarias, os quais sem essa proteção seriam devorados por

incontáveis legiões de ratos. Herdeiros legítimos e diretos daqueles que as belas mãos da mademoiselle de Brie e de Armande Béjart acarinhavam, esses bravos sócios do gatil cômico estrangulam os ratos não para comê-los, porque a Comédie-Française é rica demais para alimentar seus gatos de maneira tão selvagem e tão primitiva, mas por amor às delicadas esculturas e aos suntuosos e fagueiros tecidos.

No entanto, à comédia sensata e arrazoada do justiceiro Molière, o gato, que tendo sido deus conhece o cerne das coisas, prefere a que se passa na casa de Guignol, por ser mais inicial e absoluta. Enquanto o guerreiro, o conquistador, o herói-monstro, o assassino deformado e coberto de ouro brilhante, vestido de gibão esculpido no azul do céu e na púrpura da aurora, o homem, em uma palavra, Polichinelo, serve-se como Teseu ou Hércules de um bastão que é uma maça, bebe o vinho da alegria, saboreia seu triunfo e mergulha extasiado nas voluptuosidades e nos crimes, espancando o comissário, enforcando o carrasco em seu próprio patíbulo e puxando o rabo vermelho do diabo, o gato está tranquilamente sentado ali, sossegado, calmo, soberbo, olhando essas turbulências com a indiferença de um sábio e julgando que elas resumem a vida com serena imparcialidade. Ali o gato está à vontade, aprovando tudo, enquanto na Comédie-Française às vezes faz crítica, e da melhor qualidade. Como haveremos de lembrar, por amizade à grande Raquel, a mais espirituosa entre as mulheres e também entre os homens que viveram do espírito, a bela madame Delphine de Girardin de cabelos dourados foi mordida pela trágica musa. Ela escreveu uma tragédia, duas, escreveria outras. Nós perderíamos de uma só vez a verve, o espírito, as vívidas historietas, as anedotas extraídas da melhor veia francesa, tudo o que fazia a graça, o charme, a sedução irresistível dessa poetisa extrapariense e tudo o que se afogaria no vago oceano dos alexandrinos recitados por atores com barbas ridículas que dividem o rosto ao meio, presas por ganchos apoiados nas orelhas. Como ninguém pensou em salvar a ilustre mulher ameaçada de tragedice crônica, o gato pensou por todos e decidiu dar um grande golpe de Estado. No primeiro ato da tragédia *Judite*, no exato momento em que se falava de tigres, um dos gatos da Comédie-Française

(parece que o estou vendo: magro, seco, preto, terrível, sedutor!) lançou-se no palco sem ter sido provocado pela campainha, pulou, passou como uma flecha, saltou de uma rocha de pano pintada para outra rocha de pano pintada e, em seu vertiginoso trajeto, levou a tragédia assustadora, devolvendo assim à fascinante improvisação, à alegre verve, à inspiração diária, à historieta de Tallemant des Réaux maravilhosamente revisitada, uma mulher que, quando conversava com Méry, com Théophile Gautier, com Balzac, fazia com que parecessem pálidos prosadores. Não foi nenhum deles que a salvou do sonho, da história de Terâmenes, de toda a velharia clássica e a recolocou em seu verdadeiro caminho, não. O responsável foi o gato!

Aliás, entre o gato e os poetas há uma amizade profunda, sincera, eterna e sem fim. La Fontaine, que melhor do que ninguém conhecia o animal chamado homem, mas que, apesar de Lamartine, conhecia também os outros animais, pintou o gato como um conquistador, um Átila, um Alexandre, ou também como um ladino com mais de uma carta na manga. Já para a gata se contentou com este belo título, que é uma verdadeira, significativa e irrefutável sentença: *A gata metamorfoseada em mulher!* De fato, a gata é a mulher por inteiro: é a cortesã, por assim dizer, que preguiçosamente estirada nas almofadas ouve as palavras de amor; é também a mãe que cria, cuida, enfeita seus rebentos da maneira mais tocante, ensinando os filhotes a escalar árvores e defendendo-os contra o pai, que por pouco não os devoraria, porque na vida de casal os machos são todos iguais, tolos e ferozes. Em São Petersburgo, quando as mulheres, com aquele narizinho rosado e corado, passam em caleches, envoltas nas mais ricas e sedosas peles, elas são o próprio ideal da mulher, porque se parecem perfeitamente com gatas: fazem rom-rom, miam com delicadeza, às vezes até arranham, e, como as gatas, ouvem por muito tempo as lamentações de amor enquanto a brisa gelada acaricia com crueldade seus loucos lábios rosados.

O divino Théophile Gautier, que em um livro eterno contou a história de seus gatos e de suas gatas brancas e pretas, tinha uma gata que era servida e comia à mesa. Seus gatos, instruíssimos como Gautier, entendiam a

linguagem humana, e, se alguém recitasse versos ruins diante deles, tremiam como ferro quente mergulhado em água fria. Eram os gatos quem recebiam os visitantes na antessala, quem mostravam as cadeiras de damasco púrpura e os convidavam a contemplar os quadros enquanto esperavam. Sem saber amar pela metade e respeitando religiosamente a liberdade, Gautier lhes abria a porta de seus salões, de seu jardim, de sua casa inteira e até da bela peça mobiliada com carvalho artisticamente esculpido, que lhe fazia as vezes de quarto e de gabinete de trabalho. Mas Baudelaire, depois de ter cantado os gatos em sublime soneto em que diz que “seus corcéis da morte Érebo até os faria, se eles à servidão dobrassem a vaidade”, Baudelaire os hospeda de modo ainda mais magnífico que seu amigo Gautier, como podemos ver no poema LI, intitulado:

O gato

Em minha cabeça vadia,
Como se em sua casa estivesse,
Um belo gato que entenece.
Mal se o ouve quando ele mia,

Pois seu timbre é terno e discreto;
Sua voz, se se acalma ou alteia,
Será sempre profunda e cheia.
Este é seu encanto secreto.

Essa voz, que perla e que eu filtro
Em meu fundo mais tenebroso,
Apraz-me tal verso engenhoso
E me deleita como um filtro.

Sem dúvida, morar no cérebro do poeta de “*Spleen* e ideal” não é honraria pequena, e imagino que o gato devia ter ali um belo quarto, discreto, profundo, com sofás macios, de um dourado que brilha na escuridão e com grandes flores

estranhas. Mais de uma mulher com certeza passou e quis ficar ali, mas aquela mente estava monopolizada para sempre por dois seres familiares e divinos: a poesia e o gato, que são inseparáveis. Além disso, a doce, pensativa e misteriosa criatura também habita na mais secreta solidão dos corações femininos, sejam eles moços ou velhos. Em *Escola de mulheres*, de Molière, quando Arnolfo retorna à casa, quer saber o que se passou em sua ausência e pergunta com ansiedade: “Alguma novidade?”. Agnès, a ingenuidade, a inocência, a alma em flor, ainda branca como um lírio, só encontra esta resposta: “O gatinho morreu”. De todos os acontecimentos que se passaram ao redor, mesmo quando o astuto Amor começa a estender à sua volta a rede de malhas invisíveis, ela só reteve esta tragédia: a morte do gatinho, diante da qual nada mais importava. E alguém conhece um grito mais belo do que este: “*C’est la mère Michel qui a perdu son chat*” [Foi a dona Michel que perdeu seu gato]? Os outros versos dessa ciranda podem ser absurdos, eles de fato o são e isso não muda nada. Nesse sinistro e grandioso primeiro verso, o poeta diz tudo e mostra dona Michel desesperada, torcendo os braços, privada de quem em sua vida absurda representava a graça, o carinho, a grandeza épica, o ideal sem o qual nenhum ser humano pode viver. Pouco antes ela tinha a companhia da Quimera, do Ritmo Visível, do Pensamento Ágil e Místico. Agora ela não passa de um papelão sépia em destroços, cozinhando em um azulado fogo de brasa um *miroton* regado com suas lágrimas ridículas.

O gato pode ser representado em sua elegante realidade por Oudry ou por Lambert, mas divide com o homem o privilégio exclusivo de receber uma forma que pode ser milagrosamente simplificada e idealizada pela arte, como mostraram os egípcios antigos e os engenhosos pintores japoneses. *Le Rendez-vous de chats* [O encontro dos gatos], de Édouard Manet, capa de um livro de Champfleury, é uma obra-prima que faz sonhar. Em um telhado iluminado pela lua, o gato branco, de orelhas erguidas, desenhado com um contorno primitivo, e o gato preto de patas juntas, atento, com o bigode arrepiado, o rabo erguido em S descrevendo como uma audaciosa rubrica no ar. Eles se observam, envoltos na vasta solidão do céu. Nesse momento em que dorme o

homem cansado e estúpido, o êxtase lhes pertence, e o espaço é infinito. Eles não podem mais se entristecer com os inúmeros lugares-comuns recitados descaradamente pelo rei da criação, nem pelos pianos dos amadores por quem sentem um horror sagrado, pois adoram a música!

A cor do pelo, que no gato selvagem é sempre a mesma, tem um sem-fim de variações e oferece todos os tipos de nuances no gato doméstico; com isso, como no caso dos seres humanos, pela educação, ele se torna colorista e vira o artesão de sua própria beleza. Outra diferença mais significativa é que o gato selvagem, como Buffon observou, tem um intestino um terço menor que o gato civilizado: essa simples observação não contém a semente de toda a Comédia da Vida e não sugere tudo o que é preciso de ousadia, de obstinação, de astúcia ao habitante das cidades para preencher esse terrível intestino concedido com uma generosidade tão pródiga, quando não se tem os títulos de renda que seriam necessários?

Tradução de Gustavo de Azambuja Feix



A gata persa da Tia Cynthia

Lucy Maud Montgomery

Max sempre abençoa o animal quando se refere a ele; e não nego que no fim tudo deu certo. Mesmo assim, quando penso na minha angústia e de Ismay por causa daquele gato abominável, o que me vem à cabeça não é abençoar o bicho.

Nunca gostei muito de gatos, mas admito que eles cumprem bem sua função e que eu poderia ficar confortável com uma bela gata velha que toma conta de si própria e tem utilidade para o mundo. Já Ismay odeia gatos, sempre odiou.

Tia Cynthia, que os adorava, nunca conseguiu entender que alguém pudesse não gostar deles. Acreditava piamente que eu e Ismay no fundo gostávamos, sim, de gatos, mas que, devido a alguma perversão em nossa natureza moral, não confessávamos, só insistíamos na negação.

Entre todos os gatos, eu odiava mesmo era a persa branca da Tia Cynthia. De fato, como sempre suspeitamos e finalmente comprovamos, a própria Tia via a criatura com mais orgulho do que afeto. Ela teria se sentido dez vezes mais confortável com um vira-latinha comum do que com aquela beleza mimada, mas uma gata persa com pedigree registrado e valor de mercado de cem dólares alimentava o orgulho de Tia Cynthia a tal ponto que ela se iludia até acreditar que o animal era mesmo o amor de sua vida.

A gata fora dada de presente quando filhote, por um sobrinho missionário que a trouxera lá da Pérsia; pelos três anos seguintes, a casa de Tia Cynthia existiu para atender à gata em todos os seus desejos. Era branca como a neve, com uma manchinha cinza-azulada na ponta do rabo; tinha olhos azuis e era surda e delicada. Tia Cynthia estava sempre com medo de que a gata pegasse uma gripe e morresse. Eu e Ismay torcíamos para que isso acontecesse —

estávamos exaustas de ouvir falar dela e de suas manias —, mas não dizíamos nada para Tia Cynthia. Ela provavelmente nunca falaria conosco de novo e não era prudente ofendê-la. Quando se tem uma tia solteira com uma conta gorda no banco, é melhor manter boas relações, se possível. Além disso, gostávamos muito mesmo de Tia Cynthia... às vezes. Era uma dessas pessoas bastante irritantes, que nos perturbam e criticam até nos sentirmos justificados por odiá-la, mas que em seguida fazem alguma coisa tão sinceramente bondosa e gentil que nos sentimos compelidos a amá-la com dedicação.

Por isso ouvíamos com toda humildade quando ela falava de Fatima — esse era o nome da gata — e, por ser cruel desejarmos o fim do animal, fomos bem punidas depois.

Um dia, em novembro, Tia Cynthia navegou a Spencervale. Na verdade, veio de fáeton, carregado por um pônei gordo e cinza, mas de alguma forma Tia Cynthia sempre dava a impressão de um navio todo equipado se movendo imponente ante um vento favorável.

O dia inteiro foi lazarento. Tudo estava dando errado. Ismay derrubara gordura no casaco de veludo, a blusa nova que eu estava costurando ficara completamente torta, o fogão da cozinha soltara fumaça e o pão azedara. Além disso, Huldah Jane Keyson, a boa e velha babá, cozinheira e “chefe” da família, “estava de choco” por causa do ombro, como dizia; e, apesar de Huldah Jane ser a melhor velha viva, quando “está de choco” todo mundo da casa quer ficar bem longe e, quando não consegue, fica tão confortável quanto São Lourenço na grelha.

Depois disso tudo, ainda veio o pedido de Tia Cynthia.

— Meu bem — disse Tia Cynthia, fungando —, isso é cheiro de fumaça? Vocês devem ser muito desleixadas. O meu fogão nunca faz isso. Mas é de esperar, com duas garotas tentando cuidar da casa sem homem por perto.

— Nos damos muito bem sem homem por perto — falei, com arrogância. Max não aparecia havia quatro dias, e, apesar de ninguém querer vê-lo, não podia deixar de me perguntar o motivo. — Homens só atrapalham.

— Acredito que você adoraria fingir que pensa assim — disse Tia Cynthia, em tom provocativo. — Mas nenhuma mulher pensa isso de verdade, sabe. Imagino que a lindinha da Anne Shirley, que está visitando a Ella Kimball, não pense. Eu vi Anne passeando com o doutor Irving hoje à tarde, os dois pareciam muito satisfeitos. Se enrolar muito mais tempo, Sue, ainda vai deixar o Max escapar pelos seus dedos.

Que coisa educada a dizer para mim, justo *eu*, que rejeitei Max Irving tantas vezes que perdi a conta. Fiquei furiosa, então abri um sorriso enorme e doce para a mais irritante das tias.

— Tia querida, que engraçado — falei, naturalmente. — Você fala como se eu quisesse o Max.

— Você também — disse Tia Cynthia.

— Se eu quisesse, por que teria rejeitado o Max tantas vezes? — perguntei, com um sorriso. Tia Cynthia já sabia que era verdade. Max sempre contava para ela.

— Só os céus sabem — disse a Tia Cynthia —, mas, se exagerar, será levada a sério. Essa tal de Anne Shirley é bem fascinante.

— É mesmo — concordei. — Ela tem os olhos mais lindos que já vi na minha vida. Seria a esposa perfeita para o Max, espero que eles se casem.

— Hmmm — disse Tia Cynthia. — Bem, não vou encorajá-la a contar mais lorotas. Não atravessei essa ventania para convencê-la a ser razoável quanto ao Max. Vou passar dois meses em Halifax e quero que vocês cuidem da Fatima por mim enquanto eu estiver viajando.

— Fatima! — exclamei.

— Isso. Não ouse deixar com os empregados. Faça o favor de sempre aquecer o leite antes de servir, e não deixe Fatima fugir em ocasião alguma.

Olhei para Ismay e Ismay olhou de volta. Sabíamos que já era. Recusar ofenderia mortalmente a Tia Cynthia. Além disso, se eu demonstrasse qualquer desgosto, Tia Cynthia com certeza culparia o que dissera sobre o Max pelo meu humor e implicaria comigo para sempre.

— E se acontecer alguma coisa com ela durante a viagem? — ousei perguntar.

— Vou deixar com você justamente por prevenção — disse Tia Cynthia. — Você não pode de forma alguma deixar que algo aconteça. Vai fazer bem para você ter um pouco mais de responsabilidade. E vai ter oportunidade de ver que criatura adorável a Fatima é, no fundo. Bom, tudo certo. Vou trazer a Fatima amanhã.

— Pode cuidar daquele monstro horroroso da Fatima sozinha — disse Ismay, quando Tia Cynthia fechou a porta. — Não vou encostar nela nem com uma vara. Não devia ter dito que ia aceitar a gata.

— Você me viu aceitar? — perguntei, zangada. — Tia Cynthia pressupôs nosso consentimento. E você sabe, tão bem quanto eu, que nem poderia recusar. Então do que adianta brigar?

— Se acontecer qualquer coisa, Tia Cynthia vai achar que a culpa é nossa — disse Ismay, de um jeito sombrio.

— Você acha que a Anne Shirley está mesmo noiva do Gilbert Blythe? — perguntei, curiosa.

— Soube que sim — respondeu Ismay, distraída. — Ela come alguma coisa além de leite? Será que devíamos servir ratos?

— Ah, talvez. Mas você acha que o Max se apaixonou por ela mesmo?

— Acredito que sim. Que alívio seria para você!

— Ah, claro — falei, friamente. — O Max é todo da Anne Shirley ou Anne Sei Lá Das Quantas, se ela quiser. *Eu* com certeza não quero. Ismay Meade, se aquele fogão não parar de soltar fumaça, vou explodir. Que dia deplorável. Odeio aquela criatura!

— Ah, você não devia falar assim, sem nem conhecer — protestou Ismay. — Todo mundo diz que a Anne Shirley é uma graça...

— Eu estava falando da Fatima — gritei, enfurecida.

— Ah! — disse Ismay.

Ismay às vezes é uma idiota. Achei o jeito com que falou “Ah!” imperdoavelmente idiota.

Fatima chegou no dia seguinte. Max a trouxe em uma cestinha coberta, forrada de cetim acolchoado vermelho. Max gosta de gatos e da Tia Cynthia. Ele explicou como deveríamos tratar Fatima e quando Ismay saiu da sala — porque Ismay sempre saía exatamente quando eu queria que ela ficasse —, ele me pediu em casamento de novo. Claro que eu recusei, como de costume, mas fiquei bastante contente. Max me pedia em casamento de dois em dois meses, ao longo de dois anos. Às vezes, como neste caso, ele levava três meses, e eu sempre me perguntava o porquê. Concluí que ele não podia estar mesmo interessado na Anne Shirley, o que me deixou aliviada. Eu não queria casar com Max, mas era agradável e conveniente tê-lo por perto, e sentiríamos muita falta dele se outra garota o fisesse. Ele era útil, sempre disposto a fazer qualquer coisa por nós — pregar uma telha solta, dirigir até a cidade, instalar carpete... em suma, uma ajuda muito presente em todos os nossos problemas.

Por isso, abri um sorriso radiante quando recusei. Max começou a contar nos dedos. Quando chegou ao oitavo, balançou a cabeça e começou de novo.

— O que foi? — perguntei.

— Estou tentando contar quantas vezes pedi você em casamento, mas não lembro se pedi naquele dia em que plantamos o jardim. Se pedi, são...

— Não, não pediu — interrompi.

— Bom, então são onze — disse Max, reflexivo. — Bem perto do limite, não? Meu orgulho masculino não me permitirá pedir a mesma moça em casamento mais de doze vezes. A próxima será a última, querida Sue.

— Ah — respondi, um pouco chocada. Esqueci de brigar com ele por me chamar de querida. Pensei se a vida não perderia um pouco da graça, caso Max não me pedisse mais em casamento. Era minha única emoção. Mas claro que seria melhor... e ele não podia continuar para sempre, então, para mudar de assunto com educação, perguntei sobre Miss Shirley.

— Uma moça muito doce — disse Max. — Você sabe que sempre admirei moças de olhos cinzentos com cabelos ruivos deslumbrantes.

Sou morena, com olhos escuros. Naquele instante, odiei Max. Eu me levantei e disse que buscaria leite para a Fatima.

Encontrei Ismay enfurecida na cozinha. Ela estivera no sótão e um rato subira no seu pé. Ratos sempre irritavam Ismay.

— A gente precisa mesmo de um gato — reclamou —, mas não de um bicho inútil e mimado como a Fatima. Aquele sótão está literalmente repleto de ratos. Nunca mais subo lá.

Fatima não foi uma chateação tão grande quanto temíamos. Huldah Jane gostava dela, e Ismay, apesar da declaração de não querer nada com a gata, cuidava de seu conforto religiosamente. Até levantava no meio da noite para ver se Fatima estava aquecida. Max vinha todo dia e, quando estava por perto, dava bons conselhos.

Até que um dia, aproximadamente três semanas depois da viagem de Tia Cynthia, Fatima desapareceu — simplesmente desapareceu, como se tivesse evaporado. Nós a deixamos por uma tarde, enroscada na cesta, dormindo perto da lareira, sob o olhar de Huldah Jane, quando saímos para uma visita. Quando voltamos, Fatima não estava.

Huldah Jane chorou, parecia enlouquecida pelos deuses. Ela jurou que não tinha parado de olhar para Fatima por um segundo além dos três minutos que levou para buscar segurelha-anual no sótão. Quando desceu, a porta da cozinha estava escancarada e Fatima sumira.

Eu e Ismay ficamos frenéticas. Como criaturas selvagens, corremos pelo jardim, pelas dependências externas e pelo jardim atrás da casa chamando por Fatima, mas foi em vão. Finalmente, Ismay sentou-se no degrau da frente e chorou.

— Ela fugiu, vai morrer de frio e Tia Cynthia nunca vai nos perdoar.

— Vou atrás do Max — declarei. Então fui: atravessei a floresta de abetos e o campo, e corri o mais rápido que pude, agradecendo aos céus por ter Max disponível nessas situações.

Max veio até nossa casa e nos ajudou a procurar de novo, sem resultado. Dias se passaram, mas não encontramos Fatima. Sem dúvida eu teria enlouquecido se não fosse por Max. Ele foi muito precioso na semana horrível que se seguiu. Não ousamos divulgar, por medo de que Tia Cynthia visse; mas perguntamos

por todos os lados se alguém vira um gato persa branco com uma mancha azulada no rabo e até oferecemos recompensa; mas ninguém tinha visto, apesar de aparecerem dia e noite em casa, carregando todo tipo de gato em cestinhas, querendo saber se era o que tínhamos perdido.

— Nunca mais vamos ver a Fatima — falei para Max e Ismay, desolada, certa tarde. Acabara de mandar embora uma velha que trazia um gato gordo e amarelo que insistia ser o nosso, “porque veio parar lá em casa, senhora, miando que só, senhora, e num é de ninguém lá de Grafton não, senhora”.

— Temo que não — disse Max. — Ela deve ter morrido de frio, já faz tempo.

— Tia Cynthia nunca vai nos perdoar — disse Ismay, sem esperança. — Eu pressenti problema desde que aquela gata chegou aqui em casa.

Não tínhamos ouvido ela falar de tal pressentimento, mas Ismay é ótima em pressentir... coisas que já aconteceram.

— O que fazemos? — perguntei, desesperada. — Max, você não sabe tirar a gente dessa enrascada?

— Vamos pôr anúncios nos jornais de Charlottetown, procurando um gato persa branco — sugeriu Max. — Talvez alguém esteja vendendo. Se for o caso, você pode comprar e dizer para sua querida Tia que é a Fatima. Ela enxerga mal, então é bem possível.

— Mas a Fatima tem uma mancha azulada no rabo — argumentei.

— Precisamos dizer no anúncio que procuramos uma mancha azulada no rabo — disse Max.

— Vai custar uma grana — reclamou Ismay. — A Fatima valia uns cem dólares.

— Precisamos usar aquele dinheiro que estamos juntando para comprar peles novas — falei, triste. — Não tem outro jeito. Vai nos custar muito mais se Tia Cynthia nos deserdar. Ela é bem capaz de acreditar que nos livramos de Fatima de propósito, por maldade.

Colocamos o anúncio. Max foi à cidade e pediu que imprimissem no jornal diário mais importante. Pedimos que qualquer interessado que tivesse um gato

persa branco com mancha azulada no rabo entrasse em contato com M. I., via *Enterprise*.

Não tínhamos muita esperança de resultado, então ficamos surpresas e alegres com a carta que Max trouxe da cidade quatro dias depois. Era um aviso datilografado de Halifax, declarando que a pessoa que enviara a carta tinha um gato persa branco à venda, combinando com nossa descrição. O preço era de 110 dólares e, se M. I. quisesse ir a Halifax avaliar o animal, o endereço era rua Hollis, 110, em nome de “Persa”.

— Controlem os ânimos, amigos — disse Ismay, com pessimismo. — O gato pode não servir. A mancha pode ser muito grande, pequena ou torta. Eu me recuso terminantemente a acreditar que qualquer coisa boa pode sair dessa história desastrosa.

Neste momento, uma batida na porta me fez correr. O carteiro trazia um telegrama. Eu o rasguei, lancei um olhar rápido para o papel e voltei correndo à sala.

— O que foi agora? — gritou Ismay, ao ver meu rosto.

Estendi o telegrama. Era da Tia Cynthia. Ela nos mandava levar Fatima a Halifax imediatamente.

Pela primeira vez, Max não parecia prestes a oferecer uma sugestão salvadora. Eu falei primeiro.

— Max — implorei —, você vai nos tirar dessa, não é? Nem eu nem Ismay podemos ir correndo a Halifax. Você precisa ir a Halifax imediatamente. Amanhã cedo. Vá à rua Hollis, 110, e procure por “Persa”. Se o gato se parecer o suficiente com Fatima, compre e leve para Tia Cynthia. Se não... mas precisa funcionar! Você vai, não vai?

— Depende — respondeu ele.

Eu o encarei. Não era do feitio do Max.

— Você está me mandando para um trabalho ingrato — explicou, friamente. — Como posso saber se enganaremos mesmo Tia Cynthia, ainda que ela não enxergue tão bem? Comprar um gato sem certeza é um risco enorme. E, se ela entender o esquema, estarei em uma baita confusão.

— Ah, Max — falei, à beira de lágrimas.

— Claro — disse Max, olhando para o fogo, refletindo —, se eu fosse mesmo da família, ou tivesse qualquer perspectiva razoável de me tornar membro da família, não seria tão difícil. Seria tudo parte do trabalho. Mas como está...

Ismay se levantou e saiu da sala.

— Ai, Max, por favor — falei.

— Quer casar comigo, Sue? — pediu Max, com seriedade. — Se concordar, irei a Halifax e lutarei contra o leão na jaula, sem hesitar. Se necessário, levarei um vira-lata preto para Tia Cynthia e jurarei que é Fatima. Vou tirar você da enrascada, ainda que eu tenha que provar que você nunca viu Fatima, que ela está atualmente em segurança com você, ou até que o animal chamado Fatima nunca nem existiu. Farei de tudo, direi de tudo... mas precisa ser para minha futura esposa.

— Nada mais deixará você satisfeito? — perguntei, impotente.

— Nada.

Pensei bem. Claro que Max estava agindo de forma abominável... mas... mas... ele era mesmo um homem querido... e era a décima segunda vez... e ainda tinha a Anne Shirley! Eu sabia, no fundo da minha alma, que a vida seria assustadoramente sem graça se Max não estivesse por perto. Além disso, eu teria me casado com ele há muito tempo caso Tia Cynthia não nos tivesse jogado com tanta insistência um contra o outro desde que ele chegara a Spencervale.

— Tudo bem — concordei, irritada.

Max saiu para Halifax de manhã. No dia seguinte, recebemos um telegrama dizendo que estava tudo bem. À noite, ele voltou a Spencervale. Eu e Ismay o mandamos sentar e o encaramos, impacientes.

Max começou a rir e riu tanto, até ficar azul.

— Fico feliz por você se divertir — disse Ismay, em tom sério. — Se eu e a Sue soubéssemos a piada, seria ainda melhor.

— Queridinhas, tenham paciência comigo — implorou Max. — Se vocês soubessem o que me custou para me manter sério em Halifax, me perdoariam

por cair na gargalhada agora.

— Perdoamos... mas pelo amor de Deus nos diga o que aconteceu — gritei.

— Bom, assim que cheguei a Halifax fui correndo até a rua Hollis, 110, mas... viu! Você não disse que a casa da sua Tia era na rua Pleasant, 10?

— Isso mesmo.

— Não. Você devia ver o endereço no telegrama da próxima vez. Semana passada ela foi visitar uma amiga que mora na rua Hollis, 110.

— Max!

— É um fato. Toquei a campainha e estava prestes a pedir para a empregada chamar “Persa” quando a própria Tia Cynthia apareceu no corredor e me atacou. “Max”, disse ela, “você trouxe a Fatima?” “Não”, respondi, tentando ajustar minha cabeça a essa nova situação enquanto ela me arrastava até a biblioteca. “Não, eu... eu... só vim a Halifax resolver uma história de negócios.” “Pobre de mim”, disse Tia Cynthia, irritada. “Não sei o que houve com as meninas. Mandeí um telegrama pedindo que trouxessem a Fatima imediatamente. Mas ela ainda não chegou e estou esperando a qualquer momento uma visita de alguém que quer comprá-la.” “Ah!”, murmurei, me afundando cada vez mais. “Isso”, continuou sua tia. “Vi um anúncio no *Enterprise* em Charlottetown, alguém procurando um gato persa, então respondi. Fatima é mesmo um fardo, sabe, e se morrer será um peso morto.” Sua tia quis fazer piada, meninas? “Então”, ela continuou, “apesar de eu ser consideravelmente apegada a ela, decidi vender.” Neste momento, eu já tinha retomado minha energia, e tomei a decisão de que era necessário compor uma mescla cuidadosa com a verdade. “Ora, que coincidência curiosa!”, exclamei. “Acredita, Miss Ridley, fui eu quem anunciei a procura por um gato persa... em nome da Sue. Ela e a Ismay decidiram que querem um gato como a Fatima.” Vocês deviam ter visto a alegria dela. Ela disse que sempre soube que vocês gostavam de gatos, só nunca admitiam. Fechamos o acordo lá mesmo. Entreguei os 110 dólares, que ela aceitou sem ressalvas, e agora vocês são donas da Fatima. Boa sorte com a compra!

— Que malvada — falou Ismay com desprezo, referindo-se a Tia Cynthia. Pensando nas nossas peles velhas, não discordei.

— Mas não achamos a Fatima — falei, desconfiada. — O que faremos quando Tia Cynthia voltar?

— Sua tia só vai voltar daqui a um mês. Quando chegar, vocês contam que o gato... se perdeu... mas não precisam dizer *quando* aconteceu. De resto, a Fatima agora é propriedade de vocês, então Tia Cynthia não pode reclamar. Só vai desprezar ainda mais a capacidade de vocês de cuidarem da casa sozinhas.

Quando Max foi embora, eu o observei pela janela. Era mesmo um jovem bonito e senti orgulho. No portão, ele se virou para despedir-se e, ao fazê-lo, olhou para cima. Mesmo a distância, vi sua expressão de assombro, antes que ele voltasse correndo.

— Ismay, a casa está pegando fogo! — gritei, correndo até a porta.

— Sue — gritou Max. — Eu vi Fatima, ou o fantasma dela, na janela da mansarda!

— Que besteira! — gritei.

Ismay, no entanto, já estava no meio das escadas, então a seguimos. Corremos até a mansarda. Ali estava Fatima, elegante e tranquila, pegando sol perto da janela.

Max riu até fazer a casa toda tremer.

— Não pode ser — protestei, choramingando. — A gente teria ouvido a Fatima miar, se ela estivesse aqui o tempo todo.

— Mas não ouviram — disse Max.

— Ela teria morrido de frio — declarou Ismay.

— Mas não morreu — disse Max.

— Ou de fome — gritei.

— Tem rato pra todo lado — disse Max. — Não, meninas, não tenho dúvida de que o gato passou duas semanas aqui em cima. Ela deve ter seguido Huldah Jane, sem que ela notasse, no fatídico dia. Impressionante que vocês não ouviram os miados... se ela tiver miado. Mas talvez não tenha feito

barulho. Além disso, vocês dormem lá embaixo. E pensar que nem consideraram procurar aqui!

— Custou mais de cem dólares — disse Ismay, com um olhar de ódio para a elegante Fatima.

— Custou mais do que isso — falei, virando-me para a escada.

Max me segurou por um instante, enquanto Ismay e Fatima desciam.

— Você acha que custou caro demais, Sue? — sussurrou.

Olhei de soslaio. Ele era mesmo uma graça. Emanava bondade.

— Nã-ã-ão — falei. — Mas, quando casarmos, você vai cuidar da Fatima, porque *eu* não vou.

— Querida Fatima — disse Max, agradecido.

Tradução de Sofia Soter

O paraíso dos gatos

Émile Zola

Uma tia me deu um gato angorá e ele é o bicho mais estúpido que eu conheço. Vejam o que o gato me contou, numa noite de inverno, diante das cinzas quentes da lareira.

I

Naquela época eu tinha dois anos, e era o gato mais gordo e ingênuo que se pode imaginar. Nessa idade tão meiga, eu demonstrava toda a presunção de um animal que despreza as doçuras da casa. E, no entanto, só tenho a agradecer à Providência por ter me colocado na casa da sua tia! A destemida mulher me amava. No fundo do armário, eu tinha uma verdadeira cama para dormir, travesseiro de plumas e três cobertores. A comida valia o pouso; pão e sopa nem pensar, apenas carne, a boa carne sangrando.

Pois bem! Em meio a tantos mimos, eu tinha um único desejo, um sonho, passar pela janela entreaberta e fugir pelo telhado. As carícias eram insossas, a morosidade da minha cama me dava náuseas, eu repugnava a minha gordura. E passava o dia entediado por ser feliz.

Preciso contar que, ao esticar o pescoço, avistei, da janela, o telhado da frente. Nesse dia, quatro gatos se engalfinhavam, com o pelo eriçado, o rabo em riste, rolando pelas ardósias azuis, sob o sol, com promessas de felicidade. Eu nunca vira um espetáculo tão extraordinário. A partir daquele dia, minhas crenças se firmaram. A verdadeira felicidade morava no alto do telhado, por trás daquela janela que fechavam com tanto zelo. A prova disso era que fechavam dessa forma as portas dos armários onde escondiam a carne.

Interrompi o plano de fuga. Deveria haver na vida algo mais do que carne malpassada. Era o desconhecido, o ideal. Certo dia, esqueceram de fechar a janela da cozinha. Eu pulei até um telhadinho que ficava logo abaixo.

II

Como eram lindos os telhados! Grandes calhas os contornavam, exalando cheiros deliciosos. Segui voluptuosamente por aquelas calhas, nas quais minhas patas afundavam numa lama fina, de uma tepidez e uma maciez infinitas. Eu tinha a impressão de caminhar sobre veludo. E fazia um calor gostoso ao sol, um calor que derretia minha gordura.

Não vou esconder que eu tremia da cabeça aos pés. Havia certa angústia em minha felicidade. Lembro-me principalmente da terrível emoção que quase me fez cair de cara na calçada. Três gatos rolaram do topo de uma casa e aproximaram-se de mim miando tenebrosamente. Como eu estava quase desfalecido, eles me chamaram de balofo e me disseram que miavam de tanto rir. Pus-me a miar com eles. Foi lindo. Os caras não tinham uma gordura vergonhosa como a minha. Faziam troça da minha cara, enquanto eu me arrastava feito uma bola pelas placas de zinco, que estavam pelando por causa do sol. Um velho gato do bando fez amizade comigo. Ele se ofereceu para me educar e aceitei muito agradecido.

Ah! Como sua tia apática me parecia distante. Bebi água da calha, e o leite com açúcar nunca tivera um sabor tão doce. Tudo agora me parecia bom e delicioso. Uma gata passou, uma gata deslumbrante, cuja aparição me encheu de uma emoção desconhecida. Até agora, só meus sonhos me haviam mostrado aquelas criaturas extraordinárias cujas costas são de uma leveza adorável. Eu e meus três companheiros nos precipitamos ao encontro da recém-chegada. Passei à frente dos outros e ia cumprimentar a encantadora gata quando um dos meus camaradas mordeu meu pescoço sem dó. Gritei de dor.

— Ei! — exclamou o velho gato, treinando-me. — Você vai encontrar muitas outras.

III

Depois de uma hora de caminhada, senti um apetite feroz.

— O que se come em cima do telhado? — perguntei ao meu amigo gato.

— O que encontrarmos — respondeu-me sabiamente.

Essa resposta me deixou constrangido, porque procurei bastante e não encontrei nada. Então avistei, num sótão, uma jovem empregada preparando seu café da manhã. Em cima da mesa, logo abaixo da janela, exibia-se uma bela costela, de um vermelho apetitoso.

— É isso o que eu quero — pensei, com tanta ingenuidade. E pulei pra cima da mesa e peguei a costela. Só que, ao me ver, a empregada me acertou uma terrível vassourada nas costas. Larguei a carne e fugi gritando um palavrão horrível.

— Você acabou de sair da sua aldeia, não é? — perguntou-me o gato. — A carne que fica em cima da mesa é feita pra ser desejada de longe. É nas calhas que a gente tem que procurar.

Nunca consegui entender que a carne das cozinhas não pertencia aos gatos. Meu estômago começava a se irritar de verdade. O gato me desesperou mais ainda quando me disse que teríamos que esperar a noite. Só então desceríamos para a rua e chafurdaríamos no monte de lixo. Esperar até a noite! Ele dizia isso tranquilamente, numa filosofia calejada. Eu quase desmaiava só de pensar nesse jejum prolongado.

IV

A noite chegou devagar, uma noite com uma névoa que me deixou congelado. A chuva não demorou pra cair, fina, penetrante, fustigada pelos bruscos golpes de vento. Descemos pela passagem de vidro de uma escada. Como a rua estava feia! Não havia mais aquele calor gostoso, nem sol, nem aqueles telhados com reflexo da luz, onde nos estirávamos deliciosamente. Minhas patas deslizavam sobre a calçada imunda. Lembrei-me com amargor do meu triplo cobertor e do meu travesseiro de plumas.

Tão logo chegamos na rua, meu amigo gato começou a tremer. Ele foi encolhendo, encolhendo, e disparou sorrateiramente pela beirada das casas, aconselhando-me a segui-lo o mais rápido possível. Encontrou uma porta entreaberta e se refugiou ali às pressas, deixando escapar um ronronar de satisfação. Perguntei qual era o motivo da fuga:

— Você viu aquele homem com um cesto e um gancho? — perguntou.

— Vi, sim.

— Então, se ele tivesse nos visto, teria nos atacado e depois nos devorado num espeto!

— Num espeto? — exclamei. — Mas a rua não é nossa? Nem comemos e ainda somos comidos?!

V

Entretanto, esvaziamos os sacos de lixo que estavam em frente às portas. Eu remexia desesperadamente os montes. Encontrei dois ou três ossos magros que tinham passado pelas cinzas. Foi então que entendi a delícia do fresco torpor. Meu amigo gato arranhava os lixos como um artista. Ele me fez correr até o amanhecer e visitar todas as calçadas, sem nunca se apressar. Durante quase dez horas, tomei chuva, tremia todo, da cabeça às patas. Maldita rua, maldita liberdade, como sentia falta da minha prisão!

De manhã, o gato, percebendo que eu cambaleava, perguntou, com uma expressão estranha:

— Já deu pra você?

— Ah! Sim — respondi.

— Você quer voltar pra casa?

— Quero, mas como vou reencontrar minha casa?

— Vem comigo. Hoje cedo, quando te vi sair, entendi que um gato como você não é feito para as intensas alegrias da liberdade. Conheço sua casa, vou te deixar na porta.

Ele dizia isso com simplicidade, sem testemunhar a menor emoção.

— Não — exclamei —, não vamos nos despedir assim. Vamos juntos. Podemos dividir a mesma cama e a mesma carne. Minha dona é uma mulher destemida...

Ele não me deixou terminar.

— Fique quieto — disse ele bruscamente —, você não passa de um babaca. Eu ia acabar morrendo no seu ócio de conforto. Sua vida roliça só serve para os gatos imbecis. Os gatos livres nunca comprarão ao preço de uma prisão seu torpor e seu travesseiro de plumas... Adeus.

E voltou para os telhados. Vi sua grande e magra silhueta arrepiar-se de satisfação sob as carícias do sol nascente.

Quando voltei para casa, sua tia pegou o chicote e me aplicou uma correção que recebi com uma felicidade sem tamanho. Degustei amplamente a volúpia de sentir-me aquecido e de apanhar. Enquanto ela me desferia as chicotadas, pensei com prazer na carne que ela me daria logo em seguida.

VI

— Está vendo — concluiu meu gato, espreguiçando-se diante das brasas —, a verdadeira felicidade, o paraíso, meu caro dono, é estar preso e apanhar em uma casa com carne.

Eu falo pelos gatos.

Tradução de Marcela Vieira

O gato de botas

Charles Perrault

De todos os bens que tinha, um moleiro deixou aos seus três filhos apenas o moinho, o burro e o gato. A divisão foi feita rapidamente, nem o notário, nem o procurador foram consultados. Eles não teriam pensado duas vezes antes de devorar o pobre patrimônio. O filho mais velho ficou com o moinho; o segundo, com o burro; e o mais novo, com o gato. Este último ficou desolado por ter ganhado cota tão miserável.

— Meus irmãos poderão ganhar a vida honestamente se trabalharem juntos — lamentava ele —, quanto a mim, depois de ter comido o gato e feito um regalo com sua pele, só me restará morrer de fome.

O gato, que ouvia esse discurso embora fingisse o contrário, disse ao dono, com ar calmo e sério:

— Não se preocupe, basta que o senhor me providencie um saco e um par de botas para que eu possa ir até a mata, e vai ver que não foi tão prejudicado assim.

Ainda que o dono do gato não acreditasse nessa história, vira-o fazer tantas demonstrações de agilidade para caçar ratos e camundongos, como nas ocasiões em que se pendurava pelos pés, ou quando se escondia na farinha fazendo-se de morto, que o dono não perdeu a esperança de ser socorrido em sua miséria.

Quando o gato conseguiu o que pedira, calçou-se corajosamente, passou o saco pelo pescoço, segurou as cordas com as duas patas da frente e partiu para um bosque cheio de coelhos selvagens. Ele pusera farelo e folhagem dentro do saco, e estirado, fingindo-se de morto, ficou à espera de que algum coelhinho ainda pouco instruído nas malícias deste mundo se enfiasse no saco para comer

o que tinha lá dentro. Mal se deitou e já teve uma recompensa, um coelhinho distraído entrou no saco, e o senhor gato, manejando com rapidez as cordas, pegou-o e matou-o sem dó.

Todo orgulhoso da sua presa, seguiu em direção à casa do rei e pediu para falar com ele. Levaram-no ao quarto de sua majestade e, ao entrar, fez uma grande reverência ao rei e disse-lhe:

— Aqui está, senhor, um coelho selvagem que o marquês de Carabás (era o nome que ele decidiu dar ao seu dono) encarregou-me de presenteá-lo.

— Diga ao seu dono — respondeu o rei — que fico agradecido e que é muito gentil da parte dele.

Outra vez, escondeu-se no meio do trigo, novamente com o saco aberto; e, quando duas perdizes entraram, tirou as cordas e capturou as duas de uma vez. Depois foi presentear o rei, assim como tinha feito com o coelho selvagem. O rei, agradecido, recebeu as duas perdizes e serviu água ao gato. O gato manteve o procedimento por dois ou três meses, levando ao rei, de tempos em tempos, em nome de seu dono o animal que caçara.

Certo dia, soube que o rei faria um passeio às margens do rio na companhia da filha, a princesa mais bonita do mundo. Disse ao seu dono:

— Se você seguir meu conselho, sua fortuna está feita. Só precisa tomar banho de rio no lugar que eu vou mostrar, e pode deixar que cuido do resto.

O marquês de Carabás fez o que seu bom gato aconselhou, mesmo sem saber por quê. Enquanto se banhava, o rei passou, e o gato se pôs a gritar com toda força:

— Socorro, socorro! O senhor marquês de Carabás está se afogando!

Ao ouvir o grito, o rei enfiou a cabeça pela portinhola e, reconhecendo o gato que tantas vezes lhe trouxera caça, ordenou aos guardas que fossem rápido socorrer o senhor marquês de Carabás. Enquanto tiravam o pobre marquês do rio, o gato aproximou-se da carruagem e disse ao rei que, enquanto o dono se banhava, vieram ladrões que levaram embora suas roupas, ainda que ele tivesse gritado “Pega ladrão” com todas as suas forças. O engraçadinho as tinha escondido debaixo de uma grande pedra.

O rei ordenou imediatamente aos oficiais de guarda-roupa que fossem buscar uma de suas mais belas roupas para o senhor marquês de Carabás. O rei lhe ofereceu vários mimos, e, como as belas roupas que recebeu ressaltavam seu belo rosto (pois ele era bonito e bem-apessoado), a filha do rei o achou de seu agrado, e bastou que o marquês de Carabás lhe direcionasse dois ou três olhares muito respeitosos, e um tanto carinhosos, para que ficasse totalmente apaixonada.

O rei quis que ele subisse na carruagem e participasse do passeio. O gato, contente em ver que seu plano começava a dar certo, tomou a dianteira e, ao encontrar camponeses que roçavam um pasto, disse-lhes:

— Boas pessoas que roçam a terra, se vocês não disserem que o pasto que estão a trabalhar pertence ao senhor marquês de Carabás, passo vocês no moedor de carne.

O rei não perdeu a oportunidade de perguntar aos trabalhadores de quem era o pasto que estavam limpando.

— É do senhor marquês de Carabás — disseram em coro, pois a ameaça do gato lhes dera medo.

— Você tem uma bela herança — disse o rei ao marquês de Carabás.

— Está vendo, senhor — respondeu o marquês —, é um pasto que vai muito bem, todos os anos.

O mestre gato, que continuava à frente, encontrou ceifadores e lhes disse:

— Boas pessoas que estão ceifando, se vocês não disserem que esse trigo pertence ao senhor marquês de Carabás, passo vocês no moedor de carne.

O rei chegou um instante depois e quis saber de quem era todo aquele trigo que estava vendo.

— É do senhor marquês de Carabás — responderam os ceifadores, e o rei novamente parabenizou o marquês.

O gato, que ia à frente da carruagem, dizia sempre a mesma coisa a todos os que encontrava; e o rei, por sua vez, ficava boquiaberto com as vastas propriedades do senhor marquês de Carabás. O mestre gato finalmente chegou a um belo castelo cujo dono era um ogro, o mais rico que podia existir, porque

todas as terras por onde o rei passara estavam sob responsabilidade desse castelo. O gato, que teve o cuidado de se perguntar sobre o ogro e suas habilidades, pediu para falar com ele, com a desculpa de que não quis passar tão perto do castelo sem ter a honra de cumprimentá-lo. O ogro o recebeu do modo mais educado possível para um ogro, e o fez sentar-se.

— Juraram-me — disse o gato — que você tem o dom de transformar-se em todo tipo de animal, que você pode, por exemplo, transformar-se em leão ou em elefante.

— É verdade — respondeu o ogro imediatamente —, e para mostrar vou me transformar em um leão.

O gato ficou tão assustado em ver à sua frente um leão que foi parar em cima do telhado, mas com muito risco e dificuldade, porque suas botas não serviam para andar por cima das telhas. Momentos depois, o gato, ao perceber que o ogro voltara à sua forma primitiva, desceu e confessou que sentiu muito medo.

— Também me juraram — disse o gato —, mas nisso eu não acredito, que você tem o poder de assumir a forma de animais menores, como transformar-se em rato, em camundongo. Confesso que acho isso completamente impossível.

— Impossível? — indagou o ogro. — É o que você vai ver.

E logo ele se transformou num camundongo que se pôs a correr pelo assoalho. Ao vê-lo, o gato pulou pra cima dele e o devorou.

O rei, nesse meio-tempo, avistou de longe o belo castelo do ogro e quis entrar. O gato, ao ouvir o barulho da carruagem passando pela ponte levadiça, correu para a frente e disse ao rei:

— Vossa Majestade, seja bem-vindo ao castelo do senhor marquês de Carabás.

— O quê? Esse castelo também é seu, senhor marquês? — exclamou o rei. — Não há nada mais bonito que esse pátio e todas essas construções ao redor. Por favor, vamos ver como ele é por dentro.

O marquês deu a mão à jovem princesa e seguiu o rei, que subia à frente. Entraram em uma sala onde encontraram uma magnífica refeição que o ogro preparara aos amigos que deviam visitá-lo naquele mesmo dia, mas que não

ousaram entrar, sabendo que o rei estava ali. O rei, encantado com as boas qualidades do senhor marquês de Carabás, e também com sua filha, que estava apaixonada por ele, e dando-se conta das grandes propriedades que ele possuía, disse-lhe, depois de ter bebido cinco ou seis taças:

— Só depende de você, senhor marquês, aceitar ou não ser meu genro.

O marquês, fazendo grandes reverências, aceitou a honra que o rei lhe concedia. E, naquele mesmo dia, desposou a princesa. O gato tornou-se um grande senhor, e corria atrás dos camundongos por pura diversão.

Tradução de Marcela Vieira

Penas de amor de uma gata inglesa

Honoré de Balzac

Ó, animais franceses!, quando o relatório de sua primeira sessão chegou a Londres, fez disparar o coração dos amigos da Reforma Animal. No que se refere a mim, eu tinha tantas evidências da superioridade dos animais sobre o homem que, na qualidade de gata inglesa, vislumbrei a tão desejada oportunidade de publicar o romance de minha vida para mostrar como meu pobre eu foi atormentado pelas hipócritas leis da Inglaterra. Já por duas vezes alguns camundongos, que jurei respeitar desde o *bill* de seu venerável parlamento, levaram-me à casa do editor Colburn e, ao ver velhas *misses*, *ladies* de meia-idade e até recém-casadas corrigindo as provas de seus próprios livros, eu me perguntava por que, tendo patas, eu também não fazia uso delas. Nunca saberemos o que pensam as mulheres, sobretudo as que se metem a escrever. Já uma gata, vítima da perfídia inglesa, está interessada em dizer mais do que pensa, e o que escreve de mais pode compensar o que essas ilustres *ladies* silenciam. Tenho a ambição de ser a *mistriss* Inchbald das Gatas e peço que vocês reconheçam meus nobres esforços, ó, gatos franceses!, entre os quais surgiu a maior linhagem de nossa raça, a do Gato de Botas, personificação eterna da Anunciação, e que tantos homens imitaram sem ainda ter-lhe erguido uma estátua.

Nasci na casa de um ministro de Catshire, perto da cidadezinha de Miaulbury. A fertilidade de minha mãe condenava quase todos os seus rebentos a um destino cruel, pois, como vocês sabem, ainda não descobrimos que causa atribuir à falta de moderação da maternidade nas gatas inglesas, que ameaçam povoar o mundo inteiro. Os gatos e as gatas atribuem esse resultado, cada qual

querendo vender seu peixe, à própria amabilidade e às próprias virtudes. Mas alguns observadores impertinentes dizem que os gatos e as gatas são submetidos a convenções tão perfeitamente enfadonhas na Inglaterra que não encontram outros meios de distração além dessas pequenas ocupações de família. Outros alegam que existem grandes questões industriais e políticas, devido à dominação inglesa nas Índias. Porém, como são pouco dignas para as minhas patas, deixo essas questões para a *Edinburgh-Review*. Fui poupada do afogamento constitucional pela perfeita brancura de minha pele. Por isso, ganhei o nome de Beauty. Ai de mim! A penúria do ministro, que tinha uma esposa e onze filhas, não permitiu que ficasse comigo. Foi quando uma solteirona notou em mim uma espécie de afeição pela Bíblia do ministro: eu sempre me aninhava em cima dela, não por religião, mas por não ver outro lugar apropriado na casa. Talvez tenha pensado que eu pertencia à seita dos animais sagrados, que já fornecera a jumenta de Balaão, e decidiu levar-me. Na época, eu tinha apenas dois meses. Essa solteirona, que oferecia saraus com a promessa de *chá e Bíblia* nos convites, tentou transmitir-me a fatídica ciência das filhas de Eva e conseguiu, com um método protestante que consiste em apresentar arrazoados tão longos sobre a dignidade pessoal e as obrigações externas, que, para não ter que escutar, qualquer um sofreria o martírio.

Certa manhã, atraída pelo creme em um pires, eu, indefesa criatura da natureza, dei uma patada no *muffin* que repousava transversalmente e lambi o creme. Depois, tomada pela alegria e talvez também pela fraqueza de meus órgãos juvenis, entreguei-me, no tapete impermeável, à mais imperiosa necessidade que acomete as gatas jovens. Ao constatar o que chamou de *minha falta de moderação* e de educação, minha dona me agarrou e me bateu com força usando uma vara de marmelo, jurando que ou faria de mim uma *lady* ou me abandonaria.

— Veja o que é ter educação! — exclamava. — Aprenda, *Miss Beauty*, que as gatas inglesas guardam no mais profundo mistério as coisas naturais que podem afrontar o respeito inglês e banem tudo o que é *improper*, aplicando à criatura, como você ouviu o reverendo Simpson falar, as leis feitas por Deus para a

criação. Já viu alguma vez a Terra se comportando de maneira indecente? Além do mais, você não pertence à seita *ideal* (a pronúncia é *aideal*) dos santos, que andam bem devagar aos domingos para dar a entender que estão perambulando? Aprenda que é melhor suportar a dor de mil mortes do que revelar seus desejos: reside aí a virtude *ideal* dos santos. O mais belo privilégio das gatas é escapulir com sua graça característica e ir, sabe-se lá onde, fazer suas necessidades. Agindo assim você atrairá olhares apenas por sua beleza. Iludidos pelas aparências, todos vão achar que você é um anjo. A partir de agora, quando sentir uma vontade dessas, olhe para a janela, finja que vai passear e corra até uma moita ou procure uma calha. A água, minha filha, é a glória da Inglaterra justamente porque a Inglaterra sabe aproveitá-la, sem desperdiçá-la de maneira boba, como fazem os franceses, que por conta de sua indiferença pela água nunca terão uma Marinha.

Em meu singelo bom senso de gata, achei que havia muita hipocrisia nessa doutrina, mas eu era tão jovem...

“E quando eu estiver na moita?”, pensei, olhando para a solteirona.

— Quando tiver certeza de que está sozinha, longe do alcance da vista de todos, aí, Beauty, você pode abandonar as convenções, com ainda mais encanto que recato em público. Está aí a perfeição da moralidade inglesa, voltada exclusivamente para as aparências, já que esse mundo não passa, infelizmente!, de aparência e decepção.

Confesso que todo o meu bom senso de animal se revoltava contra essas falsidades. Porém, de tanto apanhar, acabei compreendendo que o decoro externo devia ser toda a virtude de uma gata inglesa. A partir daquele momento, habituei-me a esconder sob as camas as guloseimas que adorava. Ninguém nunca me viu comendo, bebendo ou fazendo a toalete. Fui considerada a perfeição entre as gatas.

Tive então oportunidade de notar a estupidez dos homens que se dizem sábios. Entre doutores e outras pessoas que pertenciam à sociedade de minha dona, havia um tal de Simpson, um grande tolo, filho de um rico proprietário que esperava um favor e, para fazer por merecer, dava explicações religiosas